

Sônia Queiroz: poesia e tradição em Minas Gerais*

Maria do Carmo Lanna Figueiredo**
Gláucia Geruza Dias***

Resumo

Este trabalho pretende abordar os volumes **O sacro ofício** (prêmio “Cidade de Belo Horizonte”, em 1980) e **Relações cordiais** (1997), da poeta Sônia Queiroz. A análise de alguns aspectos que retratam o papel social da mulher na família mineira, em **O sacro ofício**, assim como a sua interface, percebida na convivência amorosa da sociedade atual, em **Relações cordiais**, procura avivar as reminiscências da tradição literária e cultural, que, em outras roupagens, permanecem na atualidade. A perspectiva de abordagem permite perceber que textos ensaísticos, históricos e culturais, inseridos na produção poética, tornam-se participantes ativos na construção da memória coletiva de Minas Gerais. O discurso literário, desvinculado da preocupação de veracidade e objetividade, ao preencher lacunas e/ou questionar verdades históricas estabelecidas, amplia, por esse viés, o significado de fatos e figuras do passado mais remoto ou recente, contribuindo para a sua divulgação e conservação.

Palavras-chave: Poesia mineira; Memória coletiva; Tradição e ruptura; Papel social feminino; Sônia Queiroz.

O presente texto traz resultados parciais de uma pesquisa interdisciplinar, projeto financiado pela Fapemig, intitulado “Leitura e memória: configurações do leitor na literatura brasileira contemporânea”, desenvolvido e coordenado por mim na PUC Minas, com a participação de doutorandos, mestrandos, bolsistas de Aperfeiçoamento e de Iniciação Científica. O *corpus* do projeto abrange obras atuais, com vistas à caracterização da literatura em sua

* Este trabalho apresenta resultados parciais do projeto interdisciplinar, financiado pela Fapemig e intitulado “Leitura e Memória: configurações do leitor na literatura brasileira contemporânea”.

** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

*** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (Graduanda, participante do projeto como bolsista de IC da Fapemig).

relação com o extra-ficcional, a partir de várias configurações de leitura do sistema literário e histórico-cultural do país. Ampara-se numa formulação teórica capaz de explicitar conceitos de textualidade mais abrangentes e permite afirmar que textos ensaísticos, históricos e culturais, inseridos na produção poética, tornam-se participantes ativos na construção da memória coletiva e da tradição do país ou região. O discurso literário, desvinculado da preocupação de veracidade e objetividade, ao preencher lacunas e/ou questionar verdades históricas estabelecidas, amplia, por esse viés, o significado de fatos e figuras do passado mais remoto ou recente, contribuindo para a sua divulgação e conservação.

Inserida na pesquisa descrita acha-se a obra da poeta-ensaísta mineira Sônia Queiroz, professora de Língua Portuguesa na Universidade Federal de Minas Gerais. Além de textos esparsos em antologias e periódicos, a escritora publicou os livros de poemas **O sacro ofício** (prêmio “Cidade de Belo Horizonte”, em 1980) e **Relações cordiais** (1997); o livro de contos **Madrinha** (1987); e **Pé preto no barro branco** (1998), estudo sobre a língua dos negros da comunidade da Tabatinga, interior de Minas.

Gostaria de manifestar a alegria que nos proporcionou o estudo da poesia da colega, extremamente rico no que diz respeito às diferentes roupagens que a literatura assume na atualidade em Minas Gerais. Seus poemas, no que se convencionou chamar de escrita feminina, publicados com anos de espaçamento, trazem forte ligação com aspectos de tradições socioculturais do estado, no que se refere ao papel social da mulher e às mudanças que tais tradições sofreram nos tempos atuais. A poesia de Queiroz resgata, transformando-a, a memória coletiva, em suas implicações culturais e literárias. Traz à tona o que ainda está vivo na consciência do grupo, para o indivíduo e para a comunidade. Deve ser entendida, pois, nos aspectos entrecruzados da memória individual, mítica, social, inscrita em práticas e da construída pelo historiador.

Seguindo a reflexão de Michel Pêcheux (1999):

(...) uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização (...) um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra discursos. (p. 10)

Se considerarmos a leitura do contexto histórico e social feita pela produção poética em pauta, perceberemos vários ângulos do entrelaçamento entre recepção e produção textuais, motivo da discussão deste Simpósio.

O volume **O sacro ofício** apresenta a tradição patriarcal portuguesa, de forte presença na sociedade colonial mineira, já na epígrafe:

... e os homens faziam suas guerras, suas fornicções, suas noitadas de álcool, e tornavam dizendo a suas mulheres nascidas de boa cepa “nada pergunteis, senhora, que este cheiro de sangue, este cheiro de reverso da vida não é para vosso casto nariz, nada precisais de conhecer senão vossa honra e vossos filhos ou vosso convento, o resto não é de senhora”. (BARREIRO; HORTA & VELHO DA COSTA *apud* QUEIROZ, 1980, p. 11)

A epígrafe reporta-se ao cerne da questão de que vai tratar o livro e, juntamente com o tom de ironia e revolta que perpassa os poemas, incita o leitor à cumplicidade com o ponto de vista do eu poético, manifestação de enfrentamento ao lugar que a sociedade impõe às mulheres. Divide-se o volume em três partes: “Anunciação”, “Litânias” e “Ablução”, que retomam elementos da religião e do rito para, através deles, ler situações antigas, ressignificadas na atualidade. (Lembre-se de que Minas é considerado o estado onde o catolicismo é mais arraigado e presente, assim como a herança portuguesa).

Na primeira parte, com um único poema, “Anunciação”, o eu lírico reconstrói a memória familiar. Avó, tias, cunhadas, irmãs, irmãos, pai, mãe são lembrados pela filha – mediação da voz poética – ao mesmo tempo em que, inserindo-se na família patriarcal mineira, revive os costumes herdados de fazendas e livros.

Nos versos,

uma avó assava bolos
a outra cozia livros,

minha avó assava bolos
minha mãe lições de História

(morreu meu pai, eis que um dia)
(QUEIROZ, 1980, p. 13-14)

aparece a tradição, o passado, cuja permanência será reiterada pelos tempos verbais no presente em:

minhas tias sempre rezam
minhas cunhadas revezam
adulações a meu pai

minhas tias sempre rezam
minhas cunhadas revezam
adulações aos maridos

(meus irmãos morrem de gordos)

minhas tias sempre rezam
minhas cunhadas revezam
nas covas dos falecidos
(QUEIROZ, 1980, p. 14)

A volta ao passado no poema aponta ainda para uma outra faceta familiar, desviante em relação às normas e elucidativa quanto à identidade do eu lírico:

minha avó criou cartilhas
 (...)

 uma irmã criou cavalos
 a outra tratou do pasto
 minha mãe sempre escrevia
 (...)

 (comi do pasto e do livro)
 (QUEIROZ, 1980, p. 13-15)

No poema, enumeram-se as causas sub-reptícias das mudanças que ocorreram na vida das mulheres, da avó à poeta. Esta, ligada por herança ao “pasto” e ao “livro”, com eles alimenta sua poesia. Retomando um dos significados de “Anunciação: ação ou efeito de anunciar, participação” (HOUAISS, 2001, p. 242), o poema traça a história do ramo feminino da família, ressaltando que só o conhecimento do passado permite ao presente acatá-lo e/ou modificá-lo.

Ao perceber a tradição como um processo, fruto de um trabalho, um resultado que se conquista, os versos citados aproximam-se do conceito ergótico de cultura, abordado por Alfredo Bosi, em “Cultura como tradição”. Para Bosi (1987), a cultura subentende democracia, quando se assume para ela a visão ergótica (p. 53). O poema acompanha o lento percurso do enfrentamento e reconstrução do universo feminino, a partir da força da tradição. Quando rememora o passado colonial mineiro, para se opor a ele no que concerne à posição que destina à mulher, Queiroz pretende uma sociedade mais democrática e igualitária, construída com sacrifício e tenacidade nos pequenos momentos da vida.

O significado teológico de “Anunciação: notícia, levada pelo anjo Gabriel à Virgem Maria, de que ela seria a mãe do filho de Deus”; gerando sua expansão religiosa – “festa da Igreja Católica em memória desse acontecimento” – (HOUAISS, 2001, p. 242) será aproveitado em outros poemas do livro, dando continuidade à revisão que, como no título, se faz da herança judaico-cristã e das especificidades de que se reveste em Minas.

Com treze poemas, “Litânicas” presentifica o passado no que se refere à religião, à mulher, à família e ao sacro ofício, o sacrifício da mulher em todas as etapas da vida e nos papéis sociais exercidos por ela. “Litania: ladainha, prece, oração; invocar com orações, suplicar, pedir” (HOUAISS, 2001, p. 1.770) empresta a forma aos poemas desta parte. Como a ladainha das filhas, das irmãs, das nubentes, das esposas, das mães, das viúvas, das serventes, das amantes, das religiosas, das prostitutas, das libertinas, das bem-amadas, das abandonadas, que dão título aos poemas, a poesia levanta os motivos que impõem à atualidade a ruptura com os modelos do passado.

O primeiro poema do segmento, “Das filhas”, evidencia a preparação da jovem para o casamento, aos moldes tradicionais:

inda serás rainha de um império
de beleza e de graça
e muitos filhos
a princesinha mais linda
e preferida
do imperador do café
do rei do milho
(QUEIROZ, 1980, p. 19)

Os votos que prenunciam o desejo de beleza e fecundidade correspondem aos valores femininos inculcados nas jovens. Ao mesmo tempo insinuam a função da mulher como objeto de valor comercial que o casamento subentende. Mantém-se, assim, uma tradição que se cultiva até hoje nas famílias, especialmente no interior, onde o modelo patriarcal é mais arraigado.

Na mesma linha de raciocínio, “Das irmãs” refere-se às diferenças da criação tradicional do homem e da mulher:

eles se lambuzando e arrotando
na mesa
e eu a temperada
servindo, contida

os meus irmãos jogando-se
na cama
e eis me afiançada
por dote e marido
(QUEIROZ, 1980, p. 22)

Já “Das esposas” e “Das prostitutas” exemplificam a faceta mais marcante do volume em relação à sociedade patriarcal. Os títulos prenunciam a tendência, uma vez que se referem, o primeiro, a amásias e não a esposas; e o segundo concretiza em seus primeiros versos o motivo-título do volume

e eis-me empenhada
em sacro ofício
este o meu corpo
e o meu sangue

tomai
e comei e bebei
e seja feita a vossa vontade
a festa
(QUEIROZ, 1980, p. 38)

O contraste lembra ao leitor que as mulheres retratadas nos poemas, mes-

mo não rompendo totalmente com o modelo sociocultural, conseguiram se impor como participantes da história de Minas Gerais. Outra modalidade de escapar ao jugo, contemplada em “Anunciação” pelos livros e arados.

Walter Benjamin (1986), em “Sobre o conceito de história”, ao considerar a possibilidade de o passado trazer respostas a questões presentes, ressalta a necessidade de resgatá-lo como um caminho benéfico de transformação, destacando a importância dos pequenos acontecimentos como fonte de mudanças sociais. O materialismo histórico deve, portanto, modificar o conceito de passado “eterno” do historicista em uma experiência única. Utilizando-se de determinadas situações pretéritas com o fim de resgatar nelas o que é bom, transforma-se o agora em alicerce na construção de uma sociedade mais igualitária.

A escolha dos modelos femininos “Das esposas” aproxima-se da reflexão benjaminiana. Por meio deles, ilumina-se outra tradição, nobilitando um espaço de marginalidade que a ideologia dominante prefere ocultar.

Estavas linda Inês
 Posta em sossego
 E Xica pegando fogo
 Nos leitos do São Francisco
 E Marília se escaldando
 pelas montanhas de aço

a do Norte, Stella, morde
 a fome do Rio Doce
 Joaquina mata e condena
 ao ferrão, chicote, os frouxos.
 Beja Bela, em teus segredos
 roncam prazeres do inferno.
 (QUEIROZ, 1980, p. 25)

Presta homenagem a mulheres-mito da Minas colonial, que, sob várias interpretações artísticas, subsistem no imaginário coletivo regional e do país: Inês de Castro, Xica da Silva, Marília de Dirceu, Dona Beja, Joaquina de Pompeu e Bárbara Eliodora erigem-se em símbolos de mulheres que entraram para a história por serem incomuns, ao confrontarem as esposas castas e fiéis, mães exemplares – referidas na epígrafe –, a quem se nega o poder e o prazer.

O poema, no entanto, assinala como a ruptura com a tradição dominante, ainda muito presente, é difícil de ser rompida.

Mariana, Vila Rica
 ah, esses currais de El Rey
 adormecem os gemidos
 e amortecem os gestos
 e amordaçam os dentes
 da fêmea carne das minas

(...)
linda Inês, em teu sossego
desconheces os gemidos
os jeitos, gestos, os dentes
o choro, o gozo, o repasto
negado, sempre negado
à fêmea carne das minas
(QUEIROZ, 1980, p. 25-27)

Os verbos “adormecem”, “amortecem” e “amordaçam” prestam-se para destaque da afirmativa, possibilitando perceber como, em Minas Gerais, a força da tradição ainda pretende controlar o presente e o futuro.

O artigo “O conceito de tradição”, de Gerd A. Bornheim (1987), pode lançar luz sobre a especificidade apontada no poema, quando afirma a atração e a relação vital entre tradição e ruptura, opostos que se pertencem e se complementam. A tradição, aparentemente imperturbável, afasta qualquer possibilidade de ruptura, pretendendo-se eterna. Almeja, assim, determinar passado, presente e futuro, colaborando para a ausência de movimento. Essa forma de tradição estaria condenada à estagnação da morte e necessita da ruptura para recobrar a dinamicidade perdida. A tradição só conseguir se manter viva através da ruptura, contradição mais fundamental de que fala Foucault, promove a sucessão de acontecimentos. No caso da poesia estudada, deve-se entender tradição em seu processo dinâmico e não estático, móvel da mudança requerida pelo poema “Ablução”, que fecha o livro. O processo interpretativo que conduz a produção poética a um tempo questiona a memória coletiva e assegura-lhe a permanência pela mediação do texto.

O poema aproveita várias significações da palavra, oferecidas por Houaiss, “Ablução: ação ou efeito de abluir, lavagem; lavagem do corpo ou parte dele; purificação por meio da água, ritual comum a várias religiões; lavagem ritualística das mãos que o sacerdote efetua durante a missa, sugerindo purificação; a parte da missa em que ocorre essa cerimônia”. Nele parece concretizar-se a purificação que liberta o eu lírico do “sacro ofício”, do passado opressor, permitindo-lhe assumir as rédeas da sua vida:

puro sangue solto
esporeando os pastos
de meu pai

repasto-me em suas cambaúbas
refaço-me em seus pomares
e repouso, frouxa, em seus quintais

nem corte
nem carreiro

cavalgo
suas éguas todas
negando sempre o dote
de uma cria

e deito nestes verdes meu sono e preguiça
e faço desta terra colchão para meu cio
e lavo meu suores no leito deste rio
(QUEIROZ, 1980, p. 49)

Cumpra então lembrar que **O sacro ofício** do título indicia tanto o sacrifício de Jesus que se ritualiza na missa, quanto o que se tem de mais sacralizado no imaginário coletivo: as funções femininas no universo patriarcal – o sacro ofício da mulher. Enfim, no livro mostra-se a importância da tradição para que possa acontecer a ruptura, de retornar ao passado de opressão para se construir um futuro melhor e, principalmente, a importância da memória, no resgate do passado, transformação do presente e construção de um futuro.

O sacro-ofício parece ter continuidade em **Relações cordiais**, que se volta para o tempo atual e menos romântico, no qual as mulheres abandonam o “sacro-ofício” em prol das relações do coração. Lembra-nos o curtíssimo prefácio que

Cordial *Adj.* 1. Relativo ao coração. 2. Afetuoso, afável. 3. Sincero, franco. *S.* Remédio que conforta o coração. **Cor, cordis.** Sede da alma, da inteligência, da sensibilidade: alma, coração.

Os poemas de Sônia Queiroz freqüentam as afeições do coração: convívio, fado, aderência, privança, sedução. Apreço. **Relações cordiais** benquista-se na memória da paixão, rapta os prazeres do amor, repousa-se nos abraços da amizade.

Saudações Cordiais,
Ângela Senra (QUEIROZ, 1997, p. 1)

As três partes do volume, “Mistérios Conjugais”, “Adultérios Violados” e “Amor Tardio”, referindo-se às “relações cordiais” entre os amantes, afastam-se do paradigma amoroso(?) do livro anterior. Acompanhando a modificação operada na sociedade, os poemas referem-se à mulher lúcida e realista, consciente do que seja o amor e a convivência a dois, madura bastante para trocar desencanto em ironia:

a isto chamaremos
amor:
este estado de alma
entre a tolerância
e o tédio

a absoluta complacência
com a carne
e não só a carne:
aprenderemos a conviver

com todos os desejos.
e abandonaremos
sem pena
todos os sonhos loucos
os arrebatamentos
da paixão

que amor não é
chama
é acha
com que queimamos o tempo
calmamente.
(QUEIROZ, 1997, p. 12)

Em “Fábula”, também de “Mistérios Conjugais”, invertem-se os protótipos de gênero: sexo forte e frágil, pela maneira como se faz menção às tradicionais Bela Adormecida, Rapunzel e Terezinha de Jesus:

quando eu era uma vez a bela
enclausurada
vinhas, vândalo encantado
e galgavas meus cabelos de magia

e fazias-me cócegas e risos
e trazias-me dores e prazeres
(...)
eu era então a princesa
adormecida
tu, o terceiro varão,
alimentavas meus sonhos
de rainha

quando hoje acordei
no meio da noite
roncavas

toquei-te leve o corpo
e embalei teu sono
como aos meninos.
(QUEIROZ, 1997, p. 8-9)

Por certo, príncipe encantado, amor perfeito e felicidade eterna correspondem à realidade dos contos de fadas e canções infantis, mas podem servir de impulso positivo para um confronto mais ameno e pacífico com o mundo adulto, assim como para a criação poética do feminino – de uma mulher sujeito da própria vida, na sociedade e nas relações amorosas.

A poesia de Sônia Queiroz explicita como a literatura interpreta e dialoga com o passado e com a tradição de Minas Gerais. Refletindo sobre o universo feminino desse contexto, assume, criticamente, em **O sacro-ofício**, a ironia e a

violência que o estruturam. E, mais tarde, de forma mais amena, se bem que ainda irônica, em **Relações cordiais** acompanha as modificações do atual papel da mulher. Os dois volumes expressam a vivência de uma poeta que interpreta a si mesma e a seu contexto, num duplo movimento de retrospectão e prospecção, revolvendo o solo da cultura regional para re-inventar, re-figurar e re-orientar a terra de germinação do trabalho poético. Trata-se, afinal, de um trabalho em que a produção literária participa na construção da memória coletiva, quando preenche lacunas e/ou questiona verdades estabelecidas, ampliando, por esse viés, o campo sociocultural da região.

Abstract

This work aims at approaching the books **O sacro ofício** (winner of the “Cidade de Belo Horizonte literary award”, in 1980) and **Relações cordiais** (1997), both by the poet Sônia Queiroz. The analysis of some aspects of the social role played by women in the families of Minas Gerais State, in **O sacro ofício**, as well as the interface between these and the love relationships in present-day society, in **Relações cordiais**, intends to relive the memories of the literary and cultural tradition that, in different forms, remains in the present. The perspective of the approach allows one to realise that essays and historical and cultural texts, when inserted in the poetic production, take an active part in constructing the collective memory of Minas Gerais. From this viewpoint, the literary discourse, free from the concern with veracity and objectivity and by filling the gaps of established historical truths and/or by questioning these established historical truths, enlarges the meaning of the facts and of the figures of the past, either remote or recent, thereby contributing for their promulgation and conservation.

Key words: Poetry from Minas Gerais; Collective memory; Tradition and rupture; Women’s social role; Sônia Queiroz.

Referências

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sérgio P. Rouanet. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 222-234.

BORHEIM, Gerd A. O conceito de tradição. In: BORHEIM, Gerd A. **Cultura brasileira: tradição/contradição**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/Funarte, 1987. p. 13-30.

BOSI, Alfredo. Cultura como tradição. In: BOSI, Alfredo. **Cultura brasileira: tradição/contradição**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/Funarte, 1987. p. 31-58.

DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

PÊCHEUX, Michel. **O papel da memória**. Trad. José Horta Nunes. Campinas: Ed. Pontes, 1999.

QUEIROZ, Sônia. **O sacro ofício**. Belo Horizonte: Editora Comunicação, 1980.

QUEIROZ, Sônia. **Madrinha**. Belo Horizonte: Editora Dez Escritos, 1987.

QUEIROZ, Sônia. **Relações cordiais**. Belo Horizonte: Poesia Orbital, 1997.

QUEIROZ, Sônia. **Pé preto no barro branco, a língua dos negros da Tabatinga**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.